



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A PRESENÇA DE OBRAS FICCIONAIS NA BIBLIOTECA DA
FAMÍLIA IMPERIAL BRASILEIRA**

Larissa de Assumpção
Márcia Abreu (Orientadora)*

Bibliotecas particulares têm sido objeto de estudo em diversas pesquisas de história cultural e, sobretudo, de história dos livros e da leitura.¹ Robert Darnton entende que “um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como perfil de um leitor”, tendo a vantagem de unir o “o que” com o “quem” da leitura,² algo que nem sempre é possível quando se tomam outras fontes para análise, como catálogos de obras à venda em livrarias, por exemplo.

Nosso objetivo neste texto é analisar uma biblioteca muito peculiar: aquela composta pela Família Imperial Brasileira e, mais particularmente, a coleção de livros da

* Trabalho realizado com apoio da FAPESP, na forma de bolsa de Iniciação Científica para Larissa de Assumpção, e de financiamento ao projeto temático “Circulação Transatlântica dos Impressos”, coordenado por Márcia Abreu.

¹ Ver, por exemplo, ANASTÁCIO, Vanda. Bibliotecas Particulares e Problemas Concretos. In: ANASTÁCIO, Vanda (org). *Tratar, Estudar, Disponibilizar: Um Futuro para as Bibliotecas Particulares*. Lisboa: Banco Espírito Santo, 2013 BESSONE, Tania. *Palácios de Destinos Cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. ROCHA, Débora Cristina Bondance. *Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro: um ambiente para leitores e leituras de romance (1833-1856)*. Dissertação (Mestrado) -Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. DENIPOTI, Cláudio. Decência imperial, silêncio republicano: normas e gestualidades da leitura em regimentos e estatutos de bibliotecas (1821-1918). *Varia Historia*. Belo Horizonte, v. 23, n. 38, Dec. 2007

² DARNTON, Robert. “História da Leitura” In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, 2ª reimpressão.

Imperatriz Teresa Cristina, focando nossa atenção sobre a presença de obras ficcionais nesse acervo.³ Trata-se de uma biblioteca muito peculiar, pois foi constituída por meio de compras de livros realizadas por diferentes membros da Família Imperial, assim como de presentes recebidos por eles, ao longo de todo o século XIX, compondo um acervo de obras associadas aos membros da mais alta elite da época. Sabe-se que o romance era um gênero pouco valorizado nos Oitocentos e bastante associado à leitura popular e feminina.⁴ A análise dessa coleção de livros permite questionar a vinculação entre romances e leitores pouco instruídos bem como olhar sob novo ângulo a relação estabelecida entre as mulheres e as obras ficcionais. Finalmente, o estudo da composição desta biblioteca permite repensar os supostos laços entre nacionalidade, literatura e leitura, uma vez que, como se verá, parte significativa dos livros possuídos pelos mais eminentes representantes da nação brasileira eram estrangeiros.

OS LIVROS DA FAMÍLIA IMPERIAL

A antiga biblioteca da Família Imperial Brasileira, localizada no Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, começou a ser formada nos tempos da vinda da Corte para o Brasil. Segundo Lilian Schwarcz, desde a vinda dos livros da Real Biblioteca de Portugal para o Brasil, em 1810, e o início da formação do que viria a ser a Fundação Biblioteca Nacional, alguns membros da família já mantinham gabinetes pessoais de leitura na biblioteca, como é o caso do príncipe Dom Miguel, além de poderem retirar dela os livros de que precisassem.⁵

³ ABREU, Márcia (org.) *Trajetórias dos romances*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP, 2008.

⁴ Durante boa parte do século XIX não havia uma denominação estável para designar obras em prosa ficcional, que eram designadas indistintamente como romance, novela, conto (e, algumas vezes, como história, vida, memória). Empregaremos aqui o termo romance para abarcar o conjunto das narrativas ficcionais em prosa, seguindo o que fazem pesquisadores como Luiz Carlos Villalta e Simone Cristina Mendonça de Souza. VILLALTA, Luiz Carlos. “A censura, a circulação e a posse de romances na América portuguesa”. In ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (organização). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas / São Paulo: Mercado de Letras / ALB / FAPESP, 2005. SOUZA Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007.

⁵ Segundo Lilian Schwarcz, entre janeiro de 1811 e abril de 1813 foram retirados mais de 20 livros da Biblioteca Real em nome de membros de Família Real. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Grande Viagem da Biblioteca dos Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.277.

Durante o decorrer do século XIX, a biblioteca particular do Palácio de São Cristóvão foi crescendo com a aquisição de livros pelos membros da Família Imperial. Toda essa coleção foi doada pelo Imperador Dom Pedro II ao Brasil, após a Proclamação da República, por meio de correspondência datada de 1891. Em sua carta, Dom Pedro II pediu que todas as coleções particulares de livros e objetos existentes no Palácio de São Cristóvão fossem divididas entre três instituições brasileiras: a Biblioteca Nacional (para onde foram aproximadamente 24.270 livros), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (para onde foram 7.048 livros) e o Museu Nacional (que ficou com cerca de 352 livros).⁶

Nessa divisão, a maioria das obras ficcionais foi para o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, talvez por não atenderem às necessidades do IHGB e do Museu do Rio de Janeiro. Os livros doados à Biblioteca Nacional foram catalogados no ano de 1903⁷, sob o nome Coleção Teresa Cristina, título que o Imperador Dom Pedro II exigiu que fosse dado ao conjunto de livros e objetos doados.

A pesquisa no catálogo dos 24.270 livros que compõem a Coleção Teresa Cristina da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro revelou que cerca de 680 das obras (2,8 %) pertencem gênero prosa ficcional.

Ao analisarmos esses 680 livros, é possível perceber uma grande predominância de obras editadas em francês, língua em que foram publicadas 402 obras (59%). O predomínio da língua francesa provavelmente se deve ao fato de que, ao longo do século XIX, a França exerceu um grande papel cultural e literário, servindo como mediadora, tradutora e produtora de romances.⁸ Os romances em língua francesa também eram majoritários no comércio livreiro do século XIX, sendo anunciados em periódicos, publicados em forma de folhetim nos jornais e adaptados para peças de teatro.⁹

Outras línguas que se destacam na coleção de livros da Família Imperial são o alemão, com cerca de 85 obras (12,5%) e o italiano, com cerca de 70 obras (10,2%). É

⁶ DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. 2007. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, página 156

⁷ O início da catalogação dos livros da Coleção Teresa Cristina foi comunicada em uma carta dirigida ao diretor da Biblioteca Nacional, datada de 13 de janeiro de 1903. Documento disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1296543/mss1296543.pdf

⁸ ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX..* Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>.

⁹ MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. *A Ficção Francesa e a Consolidação do Romance no Brasil*.

provável que a frequência de livros nessas línguas se deva à presença da Imperatriz Leopoldina (1797-1826) e da Imperatriz Teresa Cristina (1822-1889) no Palácio de São Cristóvão ao longo do século XIX. De nacionalidade austríaca, a Imperatriz Leopoldina dizia, em seu diário pessoal, que não entendia a necessidade de falar francês com outras pessoas da nobreza: “Porque o idioma da diplomacia tem que ser o francês? Porque não o inglês ou o alemão?”¹⁰. Além disso, a Imperatriz Leopoldina passava grande parte de seu tempo no Palácio de São Cristóvão lendo. Segundo a pesquisadora Arilda Ines Miranda Ribeiro, a Imperatriz “lia todas as publicações novas no campo das ciências naturais, literatura, história, etc. que mandava vir por intermédio dos parentes ou do Marquês de Marialva.”¹¹

A essa possível preferência da Imperatriz Leopoldina por leituras em sua língua materna deve somar-se o fato de que a grande maioria dos livros em alemão na Coleção foi editada no início do século XIX, época em que ela viveu no Palácio de São Cristóvão: mais de 70% dos livros em alemão foram editados até o ano de 1826, ano do falecimento da Imperatriz Leopoldina.

Uma situação semelhante pode explicar a quantidade de romances em língua italiana na Coleção Teresa Cristina. Nascida em Nápoles, a Imperatriz Teresa Cristina utilizava sua língua materna para realizar atividades cotidianas, tais como escrever cartas e fazer anotações em seu diário pessoal. É possível, portanto, que a Imperatriz comprasse ou fosse presenteada com livros em sua língua materna, que ela costumava utilizar em seu cotidiano. Além disso há, como no caso da Imperatriz Leopoldina, uma predominância de obras em italiano na época de sua estada no Palácio de São Cristóvão: 87,1% dos romances em italiano na Coleção foram publicados entre os anos de 1843 e 1889, período em que a Imperatriz Teresa Cristina viveu no Palácio de São Cristóvão.

Apesar de grande parte da Biblioteca Imperial ter sido formada quando a Família estava no Brasil, apenas 50 das 680 obras ficcionais (7,3%) estão em língua portuguesa. E, dessas, apenas 26 foram escritas originalmente em português, ou seja, apenas 3,8% das obras ficcionais presentes na coleção da Família Imperial foi escrita na língua do país. Escritas na língua, mas não necessariamente impressas no país.

¹⁰ RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *Desafios da pesquisa com gênero de escritos: memória e correspondências educativas da Imperatriz Leopoldina no século XIX*. In: V CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. 2006. p. 1649 - 1659.

¹¹ Idem ibidem

Grande parte das obras em português, e, em especial as traduções, foi editada em cidades europeias. Das 50 obras em língua portuguesa, 18 (36%) foram editadas na Europa, nas cidades de Lisboa (8 obras), Paris (6 obras) e Porto (4 obras). A cidade de Paris é uma das que mais se destacam como local de edição, não apenas de obras em francês mas também edições em outras línguas. Cerca de 378 obras ficcionais da Coleção foram editadas nessa cidade. Outros locais que se destacam são Londres e Milão, como 26 obras cada uma, Dresden e Leipzig, com 24 obras cada, Bruxelas, com 20 e Rio de Janeiro, com 18 obras.

Esses dados sobre a língua e o local de publicação das obras deixam patente que os romances circulavam entre os diferentes continentes ao longo do século XIX, eram importados e lidos por pessoas de diversas nacionalidades e que viviam em contextos distintos do que os que os livros foram produzidos. Curiosamente, não há coincidência entre a língua predominante (francês) e a nacionalidade do autor de maior destaque na Coleção: o alemão Carl Franz van der Velde (1779-1824), com 24 romances presentes na biblioteca da Família. Esse autor, muito popular na Alemanha do início do século XIX, escrevia romances históricos, ambientados em tempos remotos e em lugares exóticos, o que parecia atrair o público leitor.¹² Provavelmente, as mesmas razões explicam o destaque de Walter Scott (1771 – 1832), que tem 19 de suas obras na Coleção, mas nenhuma delas em língua original, o inglês. Das obras desse autor, 16 foram publicadas em língua alemã e 3 foram traduzidas para o francês. O caso de Walter Scott na Coleção Teresa Cristina é um exemplo ainda mais evidente da circulação transnacional de romances, pois trata-se de um escritor de língua inglesa, cujos livros foram adquiridos em língua alemã e francesa para compor a biblioteca de uma família que vivia no Brasil.

A tradução de romances acontece também com outros autores, em especial com os de língua inglesa. A escritora inglesa Maria Edgeworth (1768-1849), por exemplo, tem 7 de seus romances no catálogo da Coleção, mas apenas 3 estão na língua original inglesa, estando os outros 4 em traduções francesas. O mesmo acontece com a escritora de romances góticos Ann Radcliffe (1764-1823), que tem 8 romances na Coleção, todos eles traduzidos para o francês. A importância das traduções para a circulação dos livros é evidenciada pelo fato de os dois romances do escritor português Alexandre Herculano

¹² SCHUSTER, Ingrid. Popular Literature in Germany: 1800-1850. *Canadian Review Of Comparative Literature*. v. 8, n. 3, 1982.

(1810-1877) presentes na coleção estarem em espanhol: *Eurico el Presbitero*, em tradução 1875 e *El Monje del Cister*, em tradução de 1877.

Os autores com maior número de livros em língua original são os de língua francesa. Eugène Sue (1804-1857), por exemplo, tem 12 romances na Coleção, sendo 11 deles em língua original e apenas uma tradução para o português: *Os Mistérios do Povo*, em edição de 1851. Outros casos de autores franceses cujos romances estão presentes na Coleção em língua original são Felicité de Genlis (1746-1830) e Alphonse Karr (1808-1890), cada um com 12 romances na Coleção.

Os romancistas de língua portuguesa também estão presentes na Coleção Teresa Cristina, mas com poucas obras: Machado de Assis (1839-1908), com uma edição de 1884 de seu livro *Histórias Sem Data*, Pedro Ribeiro Vianna, com seu romance *O Roubo de um Diamante*, em edição de 1881 e João Manuel Pereira da Silva (1817-1898), com uma edição de 1865 de *Jeronimo Corte Real*.

As obras não apenas viajavam no espaço, movimentando-se entre a Europa e o Brasil. Elas também atravessavam o tempo. A coleção de livros da Família Imperial contém obras ficcionais editadas no final do século XVIII e ao longo de todo o século XIX. A obra ficcional mais antiga encontrada é uma edição francesa de *Les Aventures de Télémaque*, de Fénelon, publicada em 1773. A mais recente é *Le Prince Nekhlioudov*, tradução francesa do último romance de Tolstói, publicada em 1889.

Há diversas reedições de livros de sucesso do fim do século XVIII e início do século XIX presentes na Coleção. Um dos livros antigos com mais reedições é *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes (1547-1616). Publicado originalmente em 1605, está presente no catálogo em 4 edições diferentes, sendo 3 delas em espanhol (datadas dos anos de 1859, 1860 e 1863) e uma traduzida para o alemão, não datada. Chateaubriand (1768-1848) também está presente no catálogo com edições de 1810 e de 1859 de *Les Martyrs* (publicado originalmente em 1809) e com quatro edições de *Le Génie du Christianisme* (cuja primeira edição é de 1802), duas delas em francês e publicadas nos anos de 1838 e 1840, e duas traduções portuguesas, uma delas editada na Bahia em 1849 e uma editada no Porto em 1864. A Coleção conta, ainda, com três edições diferentes de *Histoire de Gil Blas de Santillane*, romance de Alain René Lesage (1668-1747) publicado entre 1717 e 1735, presente na biblioteca em edições francesas de 1788, 1838 e 1864.



OS LIVROS DA IMPERATRIZ

Além de conter os livros que compunham a biblioteca particular do Palácio de São Cristóvão, compartilhada por todos os membros da Família Imperial, a Coleção Teresa Cristina também parece englobar coleções particulares de livros, presentes no gabinete de determinados membros da Família. É o caso do catálogo manuscrito intitulado “Livros Pertencentes à Sua Majestade a Imperatriz e que se Encontram em seu Gabinete”. Esse catálogo contém o título e as informações principais de 305 livros presentes no gabinete da Imperatriz Teresa Cristina na época em que foi escrito. Apesar de não ser datado, o catálogo parece listar as obras que a Imperatriz mantinha em seu quarto no fim do século XIX, pois o livro mais recente ali arrolado foi editado em 1885, ano próximo da Proclamação da República e exílio da Família Imperial Brasileira. Aparentemente, a organização dos livros não foi concluída, pois, no final do catálogo, há campos reservados para inserção de obras de língua portuguesa e espanhola, os quais não estão preenchidos.

A análise desse catálogo pode trazer indícios de quais obras ficcionais pertenciam à coleção pessoal da Imperatriz Teresa Cristina, assim como permite diferenciar suas preferências literárias do gosto de leitura dos outros membros da Família Imperial Brasileira.

Dentre os 305 livros presentes no gabinete da Imperatriz Teresa Cristina, a língua francesa é novamente a que mais se destaca, com 149 obras em francês (48,8%). A segunda língua com o maior número de obras é a italiana, com 111 obras (36,3%), seguida pela língua inglesa, com 45 obras (14,7%). A diferença entre a quantidade de obras em francês e em italiano é bem menor do que a que se observa nos livros da Família Imperial, em que, como se viu, os livros em francês somam 59% e os em italiano 10%. Esses dados podem servir como indício de que a Imperatriz Teresa Cristina tinha uma preferência por livros em sua língua materna, o italiano, mais do que os outros membros da Família Imperial. Outro fator interessante sobre as línguas no catálogo dos livros da Imperatriz Teresa Cristina é a ausência de livros em língua alemã, talvez pelo fato da Imperatriz não ter conhecimentos sobre essa língua.¹³

¹³ Arquivo Grão Pará - Museu Imperial/Ibram/MinC

No catálogo dos livros pertencentes à Imperatriz Teresa Cristina estão ausentes livros em língua alemã, muito provavelmente pelo fato de a Imperatriz não ter conhecimentos sobre essa língua, o que é comprovado por uma carta que ela enviou à sua filha, a Princesa Isabel, em 14 de abril de 1862, na qual diz não conhecer as letras alemãs.¹⁴ Apesar destas diferenças entre os dois conjuntos de livros, salta aos olhos a importância do francês como língua internacional, responsável por, no mínimo, metade das obras presentes nos dois acervos.

Outra diferença entre a lista de livros pertencentes à Imperatriz e a biblioteca da Família diz respeito à quantidade de romances em ambas as coleções. Enquanto na Coleção Teresa Cristina a quantidade de obras ficcionais corresponde a apenas 2,8% do total de livros, no gabinete da Imperatriz essa porcentagem é bem maior: cerca de 20% do total. Apesar da diferença numérica, os escritores que mais se destacam são basicamente os mesmos. Walter Scott é novamente o romancista de maior destaque, aparecendo com dois de seus romances: *The Abbot*, em edição parisiense em língua inglesa de 1838, e *Ivanhoé*, em uma tradução francesa também de 1838. A Imperatriz também mantinha em seu gabinete 3 volumes das obras completas em francês desse autor, datadas de 1840, 1844 e 1848.

Outro autor que se destaca tanto na Coleção Teresa Cristina quanto na lista de livros da Imperatriz é o romancista francês Eugène Sue, que aparece com 4 de seus romances: *Mathilde*, em edição de 1843, *L'Envie* e *L'Orgueil*, em edições de 1848 e *Le Colère*, em edição de 1849. O catálogo de livros da Imperatriz contém, ainda, 4 obras da inglesa Maria Edgeworth, sendo 3 delas na língua original e uma em tradução francesa, e 2 obras da Madame Augustus Craven, ambas em francês.

Além das romancistas Maria Edgeworth e Madame Augustus Craven há, ainda, outras escritoras na coleção de livros da Imperatriz: mais de 24% das obras do catálogo foram escritas por mulheres. Outra romancista que se destaca na lista de livros é Elizabeth Gaskell (1810-1865), que aparece com três de seus romances, todos traduzidos para o francês: *Ruth* e *Cranford*, em edições de 1856, e uma edição não datada de *Marie Barton*. O catálogo conta, ainda, com obras das escritoras Elise Moreau Gagne (1813-1876), Marguerite Chardon, Louise Collet (1810-1876) e Georgiana Fullerton (1812-1885).

¹⁴ Arquivo Grão Pará - Museu Imperial/Ibram/MinC

A lista de livros do Gabinete da Imperatriz Teresa Cristina apresenta, porém, algumas diferenças em relação à biblioteca da Família no que se refere à presença de alguns romancistas. Um dos que se destaca na coleção pessoal não está no acervo familiar: o francês Alexandre Dumas fils (1824-1895). Na época em que o catálogo foi escrito, a Imperatriz mantinha em seu gabinete 4 obras do escritor: *Tristan le Roux* (em edição de 1856), *Le Docteur Servan* (em edição de 1856), *Antonine* (edição de 1857), e um volume editado em 1856 com quatro romances: *Diane de Lys*, *Ce qu'on ne sait pas*, *Grangette* e *Une Loge à Camille*.

É interessante notar a diferença entre as datas de edição dos livros da biblioteca da Família Imperial e dos livros da Imperatriz Teresa Cristina. Enquanto a obra ficcional mais antiga da biblioteca Imperial data do final do século XVIII, a Imperatriz Teresa Cristina parecia manter em seu gabinete obras contemporâneas a ela, editadas entre os anos de 1830 e 1880. A obra mais antiga do gabinete da Imperatriz é uma edição de 1832 do romance *Le Lorgnon*, de Delphine de Girardin (1804-1855), e sua obra mais recente é a edição de 1882 de *Éliane*, de Mme Augustus Craven.

Apesar da maioria das edições presentes nesse catálogo de livros datarem do período em que a Imperatriz Teresa Cristina viveu no Brasil, ele não contém nenhuma obra escrita originalmente em língua portuguesa, e guarda apenas uma obra editada no Brasil: *Le Fils du Diable*, de Paul Féval, editada no Rio de Janeiro em 1846. A cidade que mais se destaca como local de edição das obras ficcionais é Paris, onde foram editadas cerca de 67% dos livros do catálogo. Outras cidades que se destacam como local de edição são Bruxelas, com 6 obras, e Milão, com 3 obras.

CONCLUSÃO

É possível perceber que tanto na Biblioteca Imperial quanto na lista de livros da Imperatriz Teresa Cristina, os romancistas de maior destaque são também aqueles que fizeram grande sucesso entre os leitores no século XIX em diversos países. Os romances Walter Scott, por exemplo, obtiveram enorme destaque entre os públicos amplos e foram exportados, reimpressos e traduzidos para a maioria das línguas europeias.¹⁵ O escritor

¹⁵ VASCONCELOS, Sandra Guardini. Cruzando o atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 351-374.

também fez sucesso na América do Norte, na Austrália e no Brasil, onde foi muito anunciado em jornais e esteve presente em bibliotecas e gabinetes de leitura.¹⁶ O francês Eugène Sue também escrevia romances que agradavam ao público e foi um dos pioneiros do romances folhetim francês.¹⁷ Outros escritores presentes em ambos os acervos, como Alain René Lesage, Chateaubriand, e Miguel de Cervantes também estavam muito presentes no catálogo de livreiros, nos anúncios, e tiveram suas obras frequentemente reeditadas ao longo do século XIX.¹⁸

A Família Imperial não apenas mantinha romances de escritores de grande sucesso em suas bibliotecas particulares; ela os lia, o que pode ser comprovado por meio de documentos pessoais, presentes no Museu Imperial de Petrópolis. No diário pessoal da Imperatriz Teresa Cristina existem anotações sobre leitura de romances, como ocorreu no dia 23 de abril de 1863, quando ela escreveu que havia começado a leitura do romance *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas¹⁹. Tradução em português de *Le Capitaine Paul*, esse romance fez grande sucesso entre o público na França e no Brasil, tendo sido publicado pela primeira vez em folhetim francês no ano de 1838 e, pouco tempo depois traduzido e publicado também em folhetim no *Jornal do Comércio*.²⁰

Em cartas à sua filha Isabel, a Imperatriz Teresa Cristina também fez várias referências à leitura de romances, enviando-lhe livros desse gênero e indicando a ela suas leituras. No dia 3 de outubro de 1866, por exemplo, a Imperatriz escreveu a Isabel que estava lhe enviando “o Romance de Waterloo” e que gostou muito de o ler.²¹ Durante o mês de outubro de 1868, o romance *Uma Família Inglesa*, de Julio Dinis, parece ter circulado no interior da Família. Em uma das cartas, a Imperatriz Teresa Cristina

¹⁶ Idem ibidem.

¹⁷ CAVALCANTE, Maria Imaculada. Do Romance Folhetinesco às Telenovelas. *Revista do Niesc*. v. 5, p.63-74, 2005.

¹⁸ Abreu, Márcia. “Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil”. In: *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2013, pp. 15-40.

¹⁹ Museu Imperial/Instituto Brasileiro de Museus/MinC - Requerimento de Autorização nº12/2014. Tradução minha.

²⁰ MENDES, Maria Lúcia D. ; “Conexões: Alexandre Dumas, publicações na França, em Portugal e no Brasil”. In: ABREU, M. A. ; DEAECTO, M. M. In: *A circulação transatlântica dos impressos : conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. Disponível em: http://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre

HOHLFELDT, Antonio. Le roman-feuilleton et la presse dans le sud du Brésil. *Sociétés*, v. 83, p.35-39, jan. 2004.

²¹ Arquivo Grão Pará - Museu Imperial/Ibram/MinC

escreveu: “Minha querida filha Isabel, aproveito do capellão que vae amanhã para as Aguas Virtuosas, para escrever-te estas duas linhas, e mandar-te o livro que tua Mana acabou que é Uma Família Inglesa que teu Pae lhe emprestou e agora a te.”²². Mais uma vez, verifica-se que os membros da Família Imperial leram um romance de ampla circulação, que foi publicado em folhetim no *Jornal do Porto*.²³

Observa-se, assim, que Roger Chartier está correto ao afirmar que “a circulação dos mesmos objetos impressos de um grupo social a outro é, sem dúvida, mais fluida do que sugeria uma divisão sociocultural muito rígida, que fazia da literatura erudita apenas uma leitura das elites e dos livros ambulantes apenas as dos camponeses.”²⁴ Os dados analisados mostram como membros da Família Imperial Brasileira, apesar de pertencerem à mais alta elite do Brasil da época, mantinham em suas bibliotecas obras que circularam entre público amplo de todos os estratos da sociedade oitocentista, de diversas partes do mundo.

Pode-se concluir, assim, que são inadequadas as associações muito rígidas estabelecidas por teóricos da literatura entre a leitura de romances e as classes populares, bem como entre o gosto pela ficção e o leitorado feminino. Embora não haja muitos dados sobre esse aspecto na documentação, há, ao menos, um indício de que o Imperador participava das leituras romanescas realizadas pela Família, como se vê na carta de 1868, em que a Imperatriz informa que o marido havia lido *Uma Família Inglesa* e o recomendava às filhas.

Equivocado também parece ser o fechamento sobre um território nacional realizado por muitos dos estudos literários. A diversidade de línguas, de locais de edição e de procedência dos romances presentes nos dois acervos é, uma vez mais, um fato que aproximava a Família Imperial dos leitores comuns, tendo em vista que essa diversidade também se observa nos acervos de livrarias e nos catálogos dos livreiros tanto no Brasil quanto na Europa.²⁵

²² Arquivo Grão Pará - Museu Imperial/Ibram/MinC

²³ FEDELI, Maria Ivone Pereira de Miranda. *A Mão que Balança o Berço: Funções do Feminino em Júlio Dinis*. 2007. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento de Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.

²⁴ CHARTIER, Roger. *Do Livro à Leitura*. In: *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

²⁵ ABREU, M. A. ; DEAECTO, M. M. *A circulação transatlântica dos impressos: conexões* (op. cit). Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. Disponível em http://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre

As bibliotecas aqui estudadas deixam evidente que o exame dos acervos conservados em bibliotecas pode trazer nova luz aos estudos literários e contribuir significativamente para as pesquisas em história cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. “Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil”. In: *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2013, pp. 15-40.

ABREU, Márcia (org.) *Trajetórias dos romances*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras / FAPESP, 2008.

ABREU, M. A. ; DEAECTO, M. M. In: *A circulação transatlântica dos impressos : conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. Disponível em http://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre

ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*.

ANASTÁCIO, Vanda. Bibliotecas Particulares e Problemas Concretos. In: ANASTÁCIO, Vanda (org). *Tratar, Estudar, Disponibilizar: Um Futuro para as Bibliotecas Particulares*. Lisboa: Banco Espírito Santo, 2013. p.

BESSONE, Tania. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. Do Romance Folhetinesco às Telenovelas. *Revista do Niesc* v. 5, p.63-74, 2005.

CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. In: *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. 2007. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, página 156

DARNTON, Robert. “História da Leitura” In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, 2ª reimpressão

DENIPOTI, Cláudio. Decência imperial, silêncio republicano: normas e gestualidades da leitura em regimentos e estatutos de bibliotecas (1821-1918). *Varia Historia*. Belo Horizonte , v. 23, n. 38, Dec. 2007

FEDELI, Maria Ivone Pereira de Miranda. *A Mão que Balança o Berço: Funções do Feminino em Júlio Dinis*. 2007. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Departamento

de Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. Le roman-feuilleton et la presse dans le sud du Brésil. *Sociétés*, v. 83, p.35-39, jan. 2004.

MENDES, Maria Lúcia D. ; “Conexões: Alexandre Dumas, publicações na França, em Portugal e no Brasil”. In: ABREU, M. A. ; DEAECTO, M. M. In: *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. Disponível em http://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. *A ficção francesa e a consolidação do romance no Brasil*, p. 67. Disponível em: ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198.../7.pdf

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *Desafios da pesquisa com gênero de escritos: memória e correspondências educativas da imperatriz Leopoldina no século XIX*. In: V Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. 2006. p. 1649 - 1659.

ROCHA, Débora Cristina Bondance. *Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro: um ambiente para leitores e leituras de romance (1833-1856)*. Dissertação (Mestrado) -Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011

SCHUSTER, Ingrid. Popular Literature in Germany: 1800-1850. *Canadian Review Of Comparative Literature*, v. 8, n. 3, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Grande Viagem da Biblioteca dos Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOUZA Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. Cruzando o atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 351-374.

VILLALTA, Luiz Carlos. “A censura, a circulação e a posse de romances na América portuguesa”. In ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (organização). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas / São Paulo: Mercado de Letras / ALB / FAPESP, 2005.